

## O Papa em estado “de saída”

*É a expressão que Francisco admite preferir para a Igreja Católica, a ideia de movimento, de que o crente não sabe o que o espera, mas que não está fechado dentro de si.*

**Paula Borges Santos | Público | 4 de Agosto de 2023**

Uma longa entrevista dada pelo Papa Francisco à revista espanhola *Vida Nueva*, publicada neste dia 4 de agosto, clarifica o significado de escolhas e de palavras papais durante a [Jornada Mundial da Juventude \(JMJ\) de Lisboa](#), apesar de o horizonte de Francisco surgir ali já muito para além de Portugal.

**A escolha de Lisboa.** De entre as várias razões que terão determinado a escolha pela Santa Sé de Lisboa como capital de acolhimento da JMJ de 2023 – nunca publicamente enunciadas com clareza pelas autoridades religiosas (e civis) e sempre apontadas à ideia/proposta do cardeal patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, aceite tanto pelo Vaticano como pelo Estado Português – fica, por exemplo, claro, que é vontade de Francisco priorizar, nas suas viagens, os pequenos países europeus. Compreende-se melhor a esta luz a escolha de Portugal, na construção de uma “Igreja de periferia”, que o Papa admite na entrevista mencionada ser o seu maior projeto. Onde tenha escolhido para próximas deslocações, dentro da Europa, Marselha (“não vou a França”) e mostre desejo de visitar o Kosovo. Para fora deste continente, além da projetada viagem à Mongólia, Francisco admite pensar no Uruguai, na Argentina e (se as negociações vaticanas correrem bem) na Nicarágua.

**Guerra na Ucrânia.** No [discurso de 2 de agosto no Centro Cultural de Belém](#), o Papa reiterou o seu empenho, já publicamente demonstrado em variadíssimas ocasiões e discursos, na procura de soluções de paz para a guerra na Ucrânia, sabendo-se que a própria diplomacia da Santa Sé tem realizado substantivos esforços nesse sentido, desde há 11 meses. Com um agudíssimo sentido de comunicação, interagindo em tempo útil com algumas críticas à sua ação e declarações, Francisco tem vindo gradualmente a corrigir a sua forma de se expressar sobre aquele conflito militar, evitando equivalências (que inicialmente fez) entre os dois lados beligerantes.

No CCB, essa intencional moderação foi assumida por Francisco e, como já escrevi, trazia implícita [uma nova postura face aos Estados Unidos da América](#). E, não por acaso, em Lisboa, não se realizou o inicialmente projetado encontro do Papa com jovens ucranianos e russos. Francisco acabou por receber, na Nunciatura Apostólica, 15 jovens ucranianos para escutar as suas traumáticas experiências da guerra. Evitou-se, portanto, repetir ações polémicas como as que marcaram a Via Sacra da última Páscoa, em Roma. Na entrevista de hoje, o Papa confirma que o principal responsável pelo diálogo entre Kiev e Moscovo é o arcebispo de Bolonha, o cardeal Matteo Zuppi, que visitará em breve Pequim, sublinhando que tanto os EUA como a China têm a “chave para baixar a tensão no conflito”.

Adianta que na “ofensiva de paz” da Santa Sé haverá ainda outro ponto alto, em novembro próximo, durante a Cimeira do Clima, organizada pelas Nações Unidas no Dubai, com um encontro entre dirigentes religiosos, preparado pelo cardeal Pietro Parolin.

**De saída.** É a expressão que Francisco admite preferir para a Igreja Católica, substituindo a ideia de uma “Igreja pobre e para os pobres”, para sublinhar a ideia de movimento, de que o crente não sabe o que o espera, mas que não está fechado dentro de si. Esta posição tem sido exaustivamente expressada por Francisco nos mais diversos momentos da JMJ de Lisboa, cujo lema encerra o mesmo apelo e que, em boa verdade, não é novo na presença social da Igreja, ao longo da história. A novidade está na forma de o comunicar com sucesso, usando uma linguagem acessível e projetando a figura do próprio Papa como um padre que também está “de saída”, que circula com um programa, que escuta os vários sectores da sua Igreja, tentando transformar em experiência efetiva a ideia de sinodalidade imaginada por Paulo VI.

Ora, tal comportamento de Francisco parece chocar de frente com a postura de uma parte da Igreja local, como transpareceu na exortação, em estilo apesar de tudo compreensivo, que o Papa fez nos Jerónimos aos bispos, religiosos e agentes pastorais, pedindo-lhes que abandonem a “tristeza melosa”, o “cinismo irónico”, o imobilismo, que acabem com uma “pastoral nostálgica” e que recuperem o entusiasmo. Embora recordando o escândalo dos abusos sexuais na Igreja Portuguesa e o sofrimento das vítimas, aquela não foi a ocasião do pedido de perdão, não obstante a centralidade da questão nesta deslocação papal a Portugal. A sua importância mediou-se pelo [encontro privado, íntimo, com 13 vítimas de abusos](#), cuidando de preservar a sua dignidade, sem fazer por esconder tal flagelo.

As palavras do Papa nos Jerónimos são, todavia, avassaladoras, e inscrevem-se, em continuidade, numa linha de admoestação que já Bento XVI em 2007 dirigira ao episcopado português, durante a sua visita “*Ad Limina*” ao Vaticano, quando assinalara que “é preciso mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portuguesa e a mentalidade dos seus membros para se ter uma Igreja ao ritmo do Concílio Vaticano II, na qual esteja bem estabelecida a função do clero e do laicado”.

Ficará ao critério de cada um escolher o que extrair das palavras dos dois papas. Parece-me, no entanto, comprometedor que tal aviso se repita, num momento em que a Igreja portuguesa recupera, inegavelmente, um protagonismo que perdera na Santa Sé desde o tempo do episcopado de D. António Ribeiro e que é, apesar de tudo, visível na chamada de um número cada vez maior de padres e bispos a maior envolvimento nas estruturas vaticanas.

<https://www.publico.pt/2023/08/04/opiniao/opiniao/papa-estado-saida-2059238>